



**PRIMEIRO
MINISTRO**

**ALOCUÇÃO DE SUA EXCELÊNCIA O PRIMEIRO-MINISTRO DA
REPÚBLICA DEMOCRÁTICA DE TIMOR-LESTE, KAY RALA
XANANA GUSMÃO, POR OCASIÃO DO SEXTO FÓRUM GLOBAL
DA ALIANÇA DAS CIVILIZAÇÕES DAS NAÇÕES UNIDAS, BALI
2014, INDONÉSIA**

Bali, Indonésia

29 de Agosto de 2014

Sua Excelência Ban Ki-moon, Secretário-Geral das Nações Unidas
Sua Excelência Dr. Susilo Bambang Yudhoyono, Presidente da República da Indonésia
Sua Excelência John W. Ashe, Presidente da 68ª Assembleia Geral das Nações Unidas
Sua Excelência Nassir Abdulaziz Al-Nasser, Alto Representante das Nações Unidas para a Aliança das Civilizações
Sua Excelência Beşir Atalay, Primeiro-Ministro Adjunto da Turquia
Sua Excelência R. M. Marty M. Natalegawa, Ministro dos Negócios Estrangeiros da República da Indonésia
Sua Excelência José Manuel Garcia-Margallo, Ministro dos Negócios Estrangeiros da Espanha

É para mim uma grande honra dirigir-me a este Fórum Global na presença de tantos ilustres dignitários que partilham o seu compromisso em relação à tolerância e à paz.

Gostaria de agradecer a Sua Excelência Ban Ki-moon, Secretário-Geral das Nações Unidas, pela sua liderança e contribuição globais em prol do progresso humano. Há dois anos o Secretário-Geral visitou Timor-Leste e partilhou a sua visão de desenvolvimento e de paz.

Gostaria também de referir o meu querido amigo, Sua Excelência Dr. Susilo Bambang Yudhoyono. Nos dez anos que passaram desde que tomou posse, o Presidente Yudhoyono transformou a Indonésia numa democracia pujante e tolerante, que vai buscar força à sua diversidade. O Presidente construiu alicerces que possibilitarão à Indonésia tornar-se numa das dez maiores economias do mundo no espaço de uma década.

Enquanto homem de paz e humanidade, não tenho dúvidas de que o Presidente continuará a dedicar a sua vida ao serviço público, à democracia e ao desenvolvimento humano.

É apropriado que este Fórum Global da Aliança das Civilizações das Nações Unidas se realize na Indonésia, um país que prova que o desenvolvimento e a paz são possíveis quando se encoraja a diversidade e a solidariedade.

Infelizmente, porém, em muitas outras partes do mundo onde a paz não é mais do que um pesadelo violento, vemos aumentar o racismo, a intolerância, o extremismo e o conflito. Dezenas de milhões de pessoas sofrem com os horrores da guerra, com a absoluta crueldade de abusos e homicídios, com a exclusão e com os incontáveis abusos perpetrados neste século da globalização.

Embora a guerra fria e o colonialismo já pertençam ao passado, o mundo continua a sofrer com novas formas de domínio e de poder. Há um aumento perigoso da desigualdade, com a riqueza a acumular-se nas mãos de uns poucos, em prejuízo de todos. Após a ambição e a corrupção do sistema financeiro internacional terem causado a Crise Financeira Global, vemos agora como a recuperação económica incipiente só está a beneficiar os próprios responsáveis pelo colapso financeiro. As

grandes multinacionais têm também um papel reprovável, agindo com desonestidade e má-fé quando lidam com países pobres.

Assistimos igualmente ao declínio económico da Europa, a qual apresenta uma taxa de desemprego elevada e dívidas soberanas esmagadoras. Em África, se por um lado começamos a ver o que ela tem de melhor, por outro também é verdade que uma parte demasiado grande deste continente sofre com privações, doença e violência.

A nova realidade do poder internacional é que existe uma elite financeira global que está a alargar o seu domínio e a entrincheirar a segregação económica dos Países Menos Desenvolvidos do mundo. Apesar dos melhores esforços do Secretário-Geral e da sua Equipa na ONU, caminhamos para 2015 e o certo é que as nações que albergam mais de 2,2 mil milhões dos pobres do mundo não irão atingir um único Objectivo de Desenvolvimento do Milénio.

Este nível de desigualdade e de injustiça não pode ser mantido de forma pacífica, pelo que assistimos ao crescimento do desespero e da ira, que por sua vez contribuem para o aumento da intolerância, do extremismo e do radicalismo.

Após ter ouvido os oradores que usaram da palavra antes de mim, gostaria agora de apresentar a perspectiva de um país pequeno, jovem e em vias de desenvolvimento.

A tendência actual é que cada país, independentemente de ser grande ou pequeno, ou de ser rico ou pobre, deve demonstrar o mesmo nível de padrões internacionais. Temos assim uma política de 'tamanho único', que se aplica a todos os países quaisquer que sejam as suas condições ou capacidades.

As Organizações Internacionais põem todos os países no mesmo cesto, sem considerar os aspectos específicos que cada um enfrenta na sua situação ou contexto particulares.

Fruto de um idealismo excessivo, os países ocidentais e as organizações internacionais procuram que todas as sociedades tenham os mesmos módulos de comportamentos, maneiras de pensar, regras e compromissos.

A consequência disto é que, de forma consciente ou inconsciente, o mundo ocidental e as organizações internacionais não se coíbem de promover a guerra em nome de valores democráticos e de impor sanções em nome de princípios universais.

A guerra no Iraque que destruiu a herança de uma civilização secular, no Afeganistão, as intervenções estrangeiras na Líbia, Egipto e Síria, o apoio da União Europeia à queda do antigo governo eleito na Ucrânia, e a política de fechar os olhos aos banhos de sangue que envolvem Israel e a Palestina, são excelentes exemplos do declínio dos padrões internacionais.

Estas abordagens mal orientadas fazem com que seja gasto muito dinheiro, sem com isso se resolverem os principais problemas políticos e sociais.

Estas abordagens mal orientadas não respeitam os sentimentos dos povos, grupos ou tribos, que só conseguem expressar o seu descontentamento através da ira, do ódio e da vingança.

Inevitavelmente, as abordagens mal orientadas criam inimigos e alimentam o radicalismo, o que conduz ao extremismo. Assim, a tendência da política mundial actual é de estigmatizar imediatamente indivíduos, grupos e países como inimigos do mundo livre, medidos pela balança dos seus interesses nacionais. Parece que não há tempo para entender a raiz dos problemas, o que nos permitiria dar-lhes uma resposta com uma maior sensibilidade humana.

Senhoras e senhores,

Apesar de um cenário global deprimente, assistimos também a histórias positivas que inspiram a esperança numa aliança das civilizações. Irei agora mencionar três exemplos na nossa região que nos fazem acreditar na promessa do progresso humano.

Temos em primeiro lugar, a Associação das Nações do Sudeste Asiático, que uniu pessoas de várias nações, religiões e culturas para estabelecer uma região de paz, cooperação e desenvolvimento. A ASEAN constitui um modelo e uma aspiração para muitas regiões do mundo, ainda que cada um dos seus países enfrente os seus próprios desafios internos.

Em segundo lugar, a Indonésia que é não só o maior país da ASEAN como também um exemplo notável das possibilidades da harmonia e da solidariedade humana. Embora a Indonésia acomode a maior população muçulmana do mundo, contém igualmente muitas pessoas de outras regiões. Posso por exemplo referir a bela ilha de Bali, que é predominantemente hindu, e as ilhas em torno de Timor-Leste, incluindo Timor Ocidental, que são sobretudo cristãs. Juntos, os indonésios de diferentes tradições partilham uma cultura rica e tolerante.

O meu último exemplo, se me permitem, é a relação entre Timor-Leste e a Indonésia. Juntos, os nossos povos conseguiram deixar para trás uma história difícil e criar laços de confiança e de amizade. Juntos provámos que não existem fossos intransponíveis entre povos de diferentes etnias, culturas ou religiões.

Os timorenses e os indonésios são hoje povos irmãos unidos por fortes laços de solidariedade. O Presidente Yudhoyono, que regressou de Timor-Leste há apenas dois dias, merece grande parte do crédito por nos ter liderado neste caminho rumo à paz. O seu exemplo mostra-nos a todos a importância da liderança na procura de uma aliança de civilizações.

Senhoras e senhores,

Este Fórum Global pretende galvanizar a acção interna contra o extremismo por via do fomento de diálogo e cooperação interculturais e inter-religiosos a nível internacional.

Para podermos avançar, fica claro que precisamos de uma revolução a nível global na forma como se encaram as minorias, os marginalizados e os pobres. Precisamos de dar resposta às causas que estão na base do extremismo e da intolerância, combatendo a desigualdade, a pobreza, o desemprego, a exclusão e a discriminação.

Todos sabemos que é fácil usar as diferenças e as injustiças para incitar as tensões. É por isso que precisamos dar a cada facção a oportunidade de falar com as outras, para que não recorram ao ódio e a acções de violência. Os líderes internacionais devem alterar radicalmente a sua forma de olhar para os problemas no mundo em vias de desenvolvimento. Essa é a condição primária para gerar confiança e minimizar as hostilidades.

Na busca de entendimentos entre grupos étnicos e religiosos diversos, precisamos acreditar que a promessa de oportunidades e os benefícios da construção da paz servirão para unir os povos.

O mundo precisa de mais humanismo, convicção, dedicação e coragem da parte dos seus líderes para promover a aliança de civilizações e reconhecer que todos somos seres humanos e que partilhamos o mesmo futuro.

Muito obrigado.

29 de Agosto de 2014
Kay Rala Xanana Gusmão